

Os inconfidentes da Educação

JOÃO BATISTA ARAÚJO E OLIVEIRA *

É cada vez mais tradição voltar os olhos para Minas na celebração da Inconfidência. Aliás, em Minas, tradição ainda conserva seu sentido original, *tradere*, que significa atualizar. Nada mais mineiro do que confidências e tradição. Nada menos mineiro do que inconfidência e traição. E no entanto...

No atualizar permanente de suas tradições, nada mais marcante do que a silenciosa, persistente e profunda reforma do ensino de primeiro grau que vem sendo realizada já ao longo de dois governos estaduais consecutivos. A reforma nada tem de espetacular ou sensacional. A receita é das mais mineiras, o trivial variado do arroz, feijão e couve picada. Ou seja, uma escola que goza de autonomia, com um diretor legitimado pela comunidade, recursos minimamente adequados para sua autogestão e esforços continuados de treinamento de professores, acoplados a um compromisso da avaliação externa. E uma clara definição de propósito — freqüentemente esquecida nos discursos ideológicos dos últimos trinta anos. Em Minas a missão primordial da escola é ensinar, uai!

Diferentemente da outra, esta Inconfidência não tem traidores nem heróis. Nem mais tem inconfidentes. Em Minas, todos se transformaram em confidentes e protagonistas. A comunidade abraçou a escola, estimulada pela iniciativa do governo estadual e liderada pelo Pacto de Minas. A escola hoje conta inclusive com um sólido

programa de parcerias coordenado pelo Conselho de Educação da Federação das Indústrias — a única federação de empresários que tem um conselho educacional. A reforma não tem chapa branca, tem as cores de Minas.

Como toda Inconfidência, a da educação também corre riscos. O mais grave deles é acreditar que o problema já está resolvido. Em Minas, o que se ouve, em todos os pronunciamentos oficiais, é que a revolução educacional está apenas começando. Todos reconhecem os progressos feitos, mas ninguém se deita nos louros. A consolidação da reforma do primeiro grau — é o próprio governo quem o diz — ainda vai requerer pelo menos dez anos de esforço concentrado e continuado. Pelo menos uma geração inteira tem que entrar na escola aos 7 anos, ser aprovada por mérito ao final de cada ano e concluir o ensino básico oito anos depois, comprovando um nível adequado de conhecimentos para cursar o ensino médio. Neste dia estará sedimentada a reforma, e outras prioridades poderão ser atendidas. Mas aí Minas já será um estado de cidadãos.

Embora sem mártires — a não ser os milhares de crianças e jovens que foram privados de condições adequadas de prioridades — a Inconfidência educacional de Minas teve e continua tendo seus líderes. O primeiro deles foi Hélio Garcia, que, convencido de que o futuro de Minas estava na educação, adotou a reforma do ensino de primeiro grau como sua prioridade. O outro foi

Walfrido Mares Guia, a quem coube coordenar e gerenciar o esforço da reforma. O terceiro, e quem sabe o mais corajoso, foi Eduardo Azeredo — pela primeira vez na história do Brasil se ouviu falar de um governador que não só abraçou como sua a prioridade do antecessor, mas decidiu que prioridade também significa recursos, e hoje investe 45% da derrama no futuro da juventude mineira.

Esses três novos inconfidentes do inconformismo contra a ignorância prenunciam o perfil do estadista do século XXI. O estado que emerge é um estado sóbrio, sério, comprometido. Mas também capaz e competente de materializar as suas convicções, sem medo de resistências ou de quebrar tabus e privilégios. Os impostos são revertidos em favor das prioridades da sociedade, e não para a manipulação da ignorância e para a perpetuação dos grotões e currais eleitorais. O clientelismo não encontra lugar na hora de repartir recursos. Nem um centavo do orçamento educacional é alocado por critérios políticos.

Fiel à gramática, mas atenta à sua atualização, em Minas a palavra *prioridade* não tem plural e começa com a letra E. Se é prioridade, é uma só. Se há uma prioridade, é a Educação. E a liberdade, tão sonhada por nós mineiros, tem novo nome. Tancredo Neves disse de Minas: teu outro nome é liberdade. Hoje, podemos dizer: Liberdade, teu outro nome é educação!